



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 112-137

Plantão psicológico em instituição escolar de Manaus, a pluridimensionalidade adolescente: relato de experiência

Psychological duty at a school in Manaus, adolescent pluridimensionality: experience report

Vanessa Benites Mena
San Zureik Calacina da Silva
Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

A escola tem sido palco de uma série de experiências caracterizadas sob o viés do impactante, negativa ou positivamente. No que tange ao aspecto negativo torna-se, em verdade, premente que se aprofunde a pesquisa e a ação para dirimir consequências daí decorrentes. Diante disso, o objetivo deste artigo é compreender a pluridimensionalidade do plantão psicológico em escola estadual em Manaus a partir da existencialidade dos adolescentes. É uma escuta emergencial com o olhar lançado sobre as vivências a partir dos pressupostos da Psicologia Fenomenológico-Existencial, especificamente na teoria da clínica dos três olhares. A metodologia utiliza o viés quanti-quali. A escuta foi pautada no método fenomenológico e realizada nos períodos matutino e vespertino, duas vezes na semana, com 59 adolescentes do nível fundamental e médio, na faixa etária de 12 a 18 anos, 30 autodeclarados gênero feminino, 24 autodeclarados gênero masculino, 02 autodeclarados bigênero, 03 autodeclarados pessoas trans. As demandas foram variáveis: Sexualidade, Relações familiares, Agressividade, Ansiedade, Autocuidado, Relações afetivas, Aprendizagem, Abuso sexual, Assédio sexual, Procrastinação, Insegurança, Autocobrança exacerbada, Medo, Bullying, Cutting, Ilações suicidas. Percebeu-se nos discursos a pluridimensionalidade de vivências presentes na vida dos adolescentes e a amplitude do sofrimento existencial, culminando no comprometimento junto às diversas configurações relacionais pelas quais transitam e, maioria dos casos, não sabendo como lidar com as



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

facticidades que se fazem presentes em seu cotidiano. Conclui-se que o plantão psicológico de inspiração fenomenológica realizado na instituição escolar possibilita acolher, escutar e cuidar desse aluno propiciando bem-estar e reflexão de suas experiências.

Palavras-chave: Adolescentes, instituição escolar, plantão psicológico, método fenomenológico

Abstract

The school has been the scene of a series of experiences characterized under the bias of impact, negatively or positively. With regard to the negative aspect, it becomes, in fact, urgent that research and action be deepened to settle the resulting consequences. Therefore, the objective of this article is to understand the pluridimensionality of psychological duty in a state school in Manaus based on the existentiality of adolescents. It is an emergency listening with a gaze cast on the experiences based on the assumptions of Phenomenological-Existential Psychology, specifically on the theory of the clinic of the three perspectives. The methodology uses the quantitative-quali bias. Listening was based on the phenomenological method and carried out in the morning and afternoon, twice a week, with 59 adolescents from elementary and middle school, aged 12 to 18 years, 30 self-declared female, 24 self-declared male, 02 self-declared bigender, 03 self-declared trans people. The demands were variable: Sexuality, Family relationships, Aggressiveness, Anxiety, Self-care, Affective relationships, Learning, Sexual abuse, Sexual harassment, Procrastination, Insecurity, Exacerbated self-demand, Fear, Bullying, Cutting, Suicidal assumptions. It was noticed in the speeches the pluridimensionality of experiences present in the lives of adolescents and the breadth of existential suffering, culminating in the commitment with the different relational configurations through which they transit and, in most cases, not knowing how to deal with the facticities that are present in your everyday life. It is concluded that the psychological duty of phenomenological inspiration carried out in the school institution makes it possible to welcome, listen and take care of this student, providing well-being and reflection on their experiences.

Keywords: Adolescents, school institution, psychological duty, phenomenological method.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Introdução

A escola tem sido um nicho onde várias e diversas situações tem sido vivenciadas. Seus atores sociais desenvolvem suas atividades em configurações relacionais muitas vezes plenas em desavenças, dor e sofrimento existenciais.

Nesse contexto, encontramos os adolescentes do ensino fundamental e médio, experienciando o turbilhão emocional inerente à fase do desenvolvimento onde toda situação é sobrelevada e potencializada. Compreender essas vivências é o objetivo deste estudo que apresentará em dois aspectos, o quantitativo e o qualitativo, o que foi analisado sob o viés da perspectiva dos três olhares na clínica de inspiração fenomenológica. Para tanto, estaremos, inicialmente, trazendo o plantão psicológico, em seguida o adolecer e como última temática alguns constructos da perspectiva citada.

Plantão psicológico

Para explicitar a atividade nominada Plantão psicológico precisamos remontar a perspectiva histórica, tendo em vista que, desde a década dos anos 70, esse projeto tem sido colocado em prática pelo Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo, utilizando como parâmetro teórico a Abordagem Centrada na Pessoa, idealizada por Carl Ramsom Rogers, psicólogo americano.

Com o passar do tempo, a atividade é disseminada por vários estados brasileiros e trabalhada com diversas temáticas. Temos estudos realizados como os de Laverty (2003), Levant (2005) nos Estados Unidos; Doescher & Henriques (2012), Gomes (2012), Vendramel, Pocaia & Santos (2017), Bezerra (2014), Brito & Dantas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(2016), Farinha & Souza (2016), Scorsolini-Comim (2014), Vilella e Souza (2018), Schimidt (2015), no Brasil.

Os estudos acima citados trouxeram discussões sobre: aconselhamento psicológico, o método fenomenológico como possibilidade de compreensão da dimensão do aconselhamento, o plantão psicológico como o encontro com o outro na urgência, em situações de crise, no ambiente escolar, como ampliação da possibilidade de escuta, na delegacia da mulher, em terreiro de umbanda, no hospital geral, como construção social, como área de fronteira. Fica explicitada a pluridimensionalidade de temas, instituições ou grupos com os quais o plantão psicológico tem sido vivenciado.

Uma curiosidade no que tange ao plantão psicológico diz respeito à sua semelhança com as experiências “walk-in-clinics”, a clínica institucional utilizada nos Estados Unidos nas décadas de 70 e 80, que tinha como objetivo o atendimento emergencial médico ou psicológico ao cliente, no momento em que este buscava ajuda e foi uma atividade com alcance considerável na área da saúde.

Em nosso país é uma prática que se consolidou como institucional e tem seu percurso ampliado e solidificado no âmbito da Psicologia Clínica. Como expusemos anteriormente, sua base teórica foi fundamentalmente humanista e sua difusão se deu a partir da experiência do Serviço de Aconselhamento Psicológico da USP.

Mahfoud (2012) compreende que o que define o plantão é a não delimitação ou sistematização desse tipo de ajuda, de tal forma que o profissional esteja em disponibilidade para escutar a urgência trazida até ele, oferecendo suporte emocional, espaço para a expressão de sentimentos e situações angustiantes, assim como possibilidade de reorganização psíquica e de análise – e diríamos mais – de suas



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

estratégias de enfrentamento a determinada situação que está sendo vivenciada.

O Plantão psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus, surge em fevereiro de 2022 com a inserção do coordenador do projeto e dois estagiários em uma escola cujo o gestor solicitou ajuda para que a Psicologia pudesse fazer-se presente, tendo em vista que, as situações eram as mais diversas trazidas pelos alunos e eles, os técnicos em educação, não sabiam como manejar.

Em seguida, dada a propaganda boca a boca, o projeto em epígrafe começa a se desenvolver e ampliar. Atualmente, são 10 escolas do sistema público de ensino estadual e 3 escolas do sistema público de ensino municipal e a atividade desenvolvida por 92 alunos regularmente matriculados em cursos de nível superior em Psicologia. São distribuídos nos turnos matutino e vespertino em escolas da Zona Norte, Centro-Oeste e Sul de Manaus.

Cada escola forneceu um ambiente específico para o desenvolvimento da atividade e a demanda espontânea é característica do plantão realizado. São aconselhamentos com duração de 50 minutos a 2 horas e meia, onde o adolescente traz sua demanda – ou as várias demandas – e, ali, na escuta realizada pelo plantonista são encontrados os recursos para o enfrentamento da realidade trazida.

Conforme declarado anteriormente, são o foco da atividade, adolescentes do ensino fundamental e médio como esta escola que iremos apresentar neste artigo. Cumpre conhecermos um pouco sobre o adolescer.

O adolescer na escola: à guisa do que compreendemos

Fase do desenvolvimento em que as inquietações estão muito presentes, assim como a potencialização exponencial das situações



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

vivenciadas. Contudo, as demandas trazidas pelos alunos desta escola são preocupantes. Em que sentido? No sentido de que suas configurações relacionais – família, escola, nicho social de amizades – tornaram-se excludentes, manipuladores, preconceituosos e discriminadores. Dessa forma, os adolescentes têm vivenciado situações em que o sofrimento e a dor existencial tem sido as consequências dessas relações.

O adolecer está caracterizado por um sem número de mudanças. Transformações que ocorrem no nível orgânico, físico propriamente dito com as nuances e caracteres sexuais secundários modificando continuamente o corpo adolescente e com o qual precisa aprender a conhecer e a reconhecer a partir dessas modificações. Atualmente, a estética tem sido a tônica principal a ser considerada, tendo em vista que, as redes sociais distribuem modelos que devem ser seguidos e, algumas vezes, até venerados por essa faixa etária.

Outro aspecto é o psíquico, no qual dadas as transformações presentes, o jovem precisa aprender a lidar com a sexualidade, o sexo propriamente dito – diga-se de passagem, algo que está ocorrendo cada vez mais cedo – o desejo, um olhar para o futuro a partir do que o contexto sociocultural e histórico já cobra e de forma exacerbada em alguns casos. Precisa aprender a lidar com o alto grau de autocobrança e que muitas vezes o acrisola, o torna agressivo, o lança na condição de talvez ser incapaz de atingir seus sonhos, seus objetivos. Além disso, suas configurações relacionais, principalmente família e escola, passam por um olhar diferente do que havia lançado até esse momento. Não consegue mais escutar as figuras significativas e isso, certamente, leva ao comprometimento relacional. Na escola, o bullying é implementado e as relações tornam-se toscas, agressivas e provocam sofrimento contínuo.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Várias demandas são trazidas para a vivência escolar. Inúmeras delas provocadas por negligência familiar, violência doméstica, relações abusivas, violência sexual, dentre outras. E, na escola, as consequências dessas situações citadas provocam uma série de ações, dentre elas: a prática da auto lesão, a agressividade, indisciplina, dificuldades no processo ensino-aprendizagem, vivências em grupos com características depressivas, altíssima menos valia e conseqüente baixas autoestima, autoimagem e autoconceito, lançando esse jovem em verdadeiro redemoinho emocional com o qual não consegue lidar por não mais se perceber pertencendo a um *locus* protetivo, a um grupo que propicie sentido a si mesmo. Surgem crises de ansiedade, insegurança emocional, procrastinação, crises de pânico, sensação de que a auto aniquilação é o único caminho a ser forjado.

É necessário que o grupo institucional compreenda as várias dimensões presentes no ser-adolescente na contemporaneidade. Atualmente, a maior preocupação não é mais a gravidez na adolescência ou o consumo de álcool e outras drogas lícitas ou ilícitas apenas. Há uma grandiosa mudança em tudo isso. São alunos se cortando na própria escola, são alunos que não conseguem lidar com sua sexualidade e sofrem preconceito e discriminação, são alunos sentindo-se alijados do próprio caminhar e, conseqüentemente, do próprio existir. Se fecham em suas concepções e agem de modo extemporâneo e, maioria das vezes, nocivos a si mesmos. Precisamos refletir a escola, o ser-aluno, o ser-humano.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Perspectiva dos três olhares na clínica de inspiração fenomenológica

Idealizada por Castro (2020, 2021) e embasada nos constructos teóricos da Fenomenologia de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty.

Diante disso, essa perspectiva busca compreender o mundo-vivido, ou seja, a experiência ou situação pelo qual esse outro está atravessando e que o está lançando em uma sensação de estar alijado do próprio viver, do próprio caminhar e, com isso, suas configurações

relacionais tornam-se comprometidas, resultando muitas vezes, em ensimesmamento, auto distanciamento, menos valia.

Nesse pensar, o Outro é considerado em sua historicidade, em seu modo muito próprio de ser. Significa que a relação é *en-contro*, onde nos eximimos da condição de emitir julgamentos, preconceitos ou pré concepções. Onde ocorre o mergulho existencial que possibilita identificar sentidos e significados da vivência. Cabe explicitar que esse *en-contro* está também correlacionado às facticidades, as situações surpresa que nos ocorrem cotidianamente e nos retiram do lugar próprio em que até o momento estávamos alocados.

A relação assim estabelecida propugna o *des-encontro*, ou seja, a possibilidade desse Outro lançar-se no redemoinho emocional em que foi lançado por determinada situação e, a partir daí, elaborado uma verdade absoluta sobre si e sobre o entorno em que está inserido. E esse *des-encontro* se dá no sentido dele compreender as várias dimensões presentes na vivência e perceber que a verdade acreditada absoluta até esse momento, é, em realidade, verdade relativa. Com isso, vislumbra possibilidades.

Possibilidade vislumbrada, esse Outro consegue compreender o caminhar e trazer para si a responsabilidade pelo enfrentamento da



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

situação muitas vezes considerada insolúvel. E ocorre o *re-encontro!* Há o redimensionamento do olhar que passou a lançar a si mesmo, ao outro e ao olhar do outro.

E os três olhares são experienciados. Uma vez que, ao ser atravessado por determinadas situações, o Outro lança um **olhar sobre si mesmo**, muitas vezes distorcido, sob o viés da baixa autoestima, do baixo autoconceito, da baixa autoimagem. Em virtude a uma convivência que se tornou difícil, a negligência familiar impõe ao adolescente a sensação de rejeição, de não-pertencimento, culminando em que o jovem lance sobre si um olhar onde a culpabilização é algo recorrente, sem que, obrigatoriamente, a responsabilidade por tal fato seja do adolescente.

Concomitantemente a esse primeiro, o segundo olhar passa por transformações: **o olhar sobre o outro**. As figuras significativas de suas configurações relacionais passam a ser olhadas, muitas vezes, sob o viés da desconfiança, da persecutoriedade. E isso é gerador de inquietação, de não saber a quem recorrer, do sentir-se à margem da existência. Surgem as mais variadas crises psicológicas, dentre elas: ansiedade, angústia, dentre outros. Um exemplo são os adolescentes que, devido ao bullying, passam a olhar o outro com o qual convive sob o viés do temo, do medo.

Outro olhar, o que consideramos o mais nocivo dentre os três, é o **olhar sobre o olhar do outro**. Esse fenômeno se faz presente quando esse Outro viabiliza comportamento, ações cotidianas em função do que acredita ser o que as pessoas com as quais convive gostariam que ela agisse ou priorizasse realizar. Nesse ponto, o olhar sobre si mesmo se torna autodepreciativo, subestimando a si mesmo e tudo o que produz. Costumamos encontrar esta perspectiva em relações nominadas abusivas, por exemplo.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A relação com o Outro é vivenciada sob o viés da **construção, desconstrução e reconstrução**. O primeiro, diz respeito à reflexão acerca do ser si mesmo e possibilitar-se compreender como um ser de escolhas e tomada de decisão e, desse modo, perceber que é nele que residem as estratégias de enfrentamento às situações, constrói-se, continuamente. O segundo, está relacionado ao fato do Outro chegar até nós convicto de suas verdades, e o instante terapêutico propicia reflexão profunda de tal modo que, a pessoa consiga desconstruir suas concepções, suas verdades. Nesse momento, entra em cena o terceiro ponto, uma vez que, compreender a desconstrução como movimento, convida esse Outro a sensibilizar-se ao fato de que potência, possibilidade, devir.

Não menos importante, a relação ocorre sob a égide de três outros aspectos: acolher, escutar e cuidar. O **acolhimento** é o momento em que recebemos a história desse Outro sem colocá-lo na condição de culpado, vítima ou algo dessa natureza. É experienciada uma relação que se consubstancia no respeito ao que está sendo trazido, no respeito ao Outro que merece ser respeitado em ser quem é.

A **escuta** é o movimento de interação com esse Outro para além de julgamentos, preconceitos e concepções. Nos lançamos junto com a pessoa em verdadeiro mergulho existencial em sua historicidade e nos possibilitamos caminhar de modo verdadeiro, legítimo com ela. É o que denominamos presentificar-nos junto a ela. É o movimento genuíno de uma escuta que vai além da história em si mesma e caminha pela busca do não-dito, inclusive.

O **cuidado** é o movimento que faço em direção a esse Outro no sentido de demonstrar o quão continente, presente, estou junto a pessoa. Um cuidado que vai além do zelo e do desvelo, como dizia



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Heidegger (2013). Um cuidar que se expressa na generosidade do caminhar junto, não como amigos, mas como aprendizes, um do fazer psicológico, outro do ser si mesmo na própria trajetória.

Ao terapeuta, nesta perspectiva de clínica, é propiciado tornar-se ele mesmo, para além de quaisquer teorias ou hermetismos teóricos arcaicos que apenas inserem o outro em “tijolinhos onde deveriam ser encontrados”, esquecendo que somos caos que se efetiva através de nuances, detalhes, movimento, dinamicidade, ou seja, possibilidades de um ser-possível.

Desse modo, para além de esquemas, traumas, condicionamentos, a clínica dos três olhares pressupõe que é no acolher e no cuidar que compreendo a pluridimensionalidade do meu escutar.

Método

Este estudo utilizou o método quanti-quali criado por Creswell (2007) que pressupõe a apresentação de dados quantitativos e qualitativos. Nos primeiros, serão apresentados os fatores numéricos, ponderáveis, mensuráveis aqui representado por tabelas e quadros. Quanto aos segundos, traremos algumas falas trazidas nos atendimentos realizados pelos plantonistas, enriquecendo sobremaneira esta proposta de trabalho. O viés qualitativo leva em consideração valores, crenças, sentidos presentes nos discursos dos adolescentes e que foram transcritos nos relatos e, neste momento, resgatados e apresentados *ipsis literis* para corroborar com a reflexão daquilo que foi trabalhado em alguns aconselhamentos.

No primeiro momento, apresentaremos os dados quantitativos e no segundo os qualitativos, sendo que nestes últimos utilizaremos o referencial teórico da Perspectiva dos três olhares na clínica de



inspiração fenomenológica para a compreensão das falas relativas às vivências dos adolescentes.

Participantes: 59 atendimentos a alunos de uma escola do sistema público de ensino, nos níveis fundamental e médio que se apresentaram ao plantão psicológico ali realizado. Quanto ao gênero foram: Feminino (30), Masculino (24), Bigênero (2) e Pessoas transgênero (3) (Quadro 3). Quanto à raça, tivemos: Raça: Branca (24), Parda (33) e Negra (2) (Quadro 4).

Locais de atendimento: sala previamente disponibilizada pela gestora da escola estadual, climatizada, ambiente reservado.

Demandas: Foram demandas variadas e diversificadas trazidas pelos alunos que estarão sendo apresentadas em tabela específica (Quadro 2).

Resultados e Discussão

A partir deste momento trazemos os dados quantitativos em primeiro momento e os qualitativos em segundo momento.

Viés quantitativo

O viés quantitativo se caracteriza pela apresentação de dados mensuráveis, ponderáveis, quantificáveis, onde utilizamos os quadros demonstrativos com os dados pertinentes ao estudo.

Quadro 1: participantes por idade, gênero, raça e demanda

Idade	Gênero	Raça	Demanda
12	Bigênero	P	Sexualidade
13	Feminino	P	Abuso sexual pelo avô
14	Transgênero	P	Sexualidade
14	M	B	Ansiedade
12	M	P	Isolamento
13	M	P	Ansiedade



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

12	Bigênero	P	Sexualidade
12	F	P	Relações familiares - VD
14	F	P	Timidez
13	F	Negra	Auso sexual
14	Transgênero	P	Sexualidade
14	F	P	Abuso sexual
13	F	P	Sexualidade
13	F	P	Cutting
15	M	P	Relação afetiva
14	M	P	Insegurança emocional
14	F	P	Cutting
12	F	P	Sexualidade
14	M	B	Agressividade
16	F	B	Ansiedade
18	M	B	Relações familiares
18	M	B	Relações afetivas
15	M	B	Insegurança
15	M	P	Bullying
15	M	P	Relações familiares -VD
15	F	Negra	Relações familiares
17	F	P	Relação afetiva
16	M	P	Relação afetiva
15	F	B	Ilações suicidas
18	F	P	Ansiedade
16	M	B	Assédio sexual
17	M	P	Aprendizagem
15	F	P	Relações interpessoais
15	F	P	Relações familiares
15	F	P	Procrastinação
15	F	Negra	Relações familiares
17	Transgênero	B	Sexualidade
18	M	B	Autocuidado
18	M	B	Medo de socializar
18	M	B	Insegurança
15	M	P	Relações afetivas
15	M	P	Agressividade
15	M	B	Insegurança
17	F	P	Relação afetiva
17	F	P	Relação afetiva
17	F	P	Medo
17	F	B	Autocobrança exacerbada



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

16	M	B	Insegurança
16	M	B	Insegurança
16	M	B	Insegurança
16	M	B	Insegurança
17	F	B	Relação com a mãe
17	F	B	Relação com a mãe
17	F	B	Relação afetiva
16	F	P	Relação familiar
17	F	B	Ansiedade
17	F	B	Insegurança
17	F	B	Ansiedade
17	F	B	Ansiedade

Fonte: Formulário de relato do plantão psicológico

O Quadro 1 apresenta os participantes por idade, gênero, raça e demandas trazidas pelos adolescentes durante as sessões de aconselhamento realizado no Plantão Psicológico.

Quadro 2: Participantes por idade, em percentual.

Idade	Quantidade	%
12 anos	5	8,5
13 anos	5	8,5
14 anos	8	13,6
15 anos	13	22,0
16 anos	8	13,6
17 anos	14	23,7
18 anos	6	10,1
Total	59	100

Fonte: Formulário de relato do plantão psicológico

O Quadro 2 apresenta como as idades com maior frequência ao plantão psicológico as seguintes: 17 anos (23,7%), 15 anos (22%) e 14 anos e 16 anos (13,6%).

Quadro 3: Demandas mais prevalentes em alunos das escolas estaduais

Demandas	Quantidade	%
Ansiedade	7	11,89
Bullying	1	1,69



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

Autolesão	2	3,4
Abuso sexual	3	5,1
Relações familiares	8	13,6
Ilações suicidas	1	1,69
Sexualidade	6	10,2
Assédio sexual	1	1,69
Insegurança	15	25,4
Relações afetivas	9	15,2
Agressividade	1	1,69
Procrastinação	1	1,69
Autocuidado	1	1,69
Aprendizagem	1	1,69
Medo	1	1,69
Autocobrança	1	1,69
Total	59	100

Fonte: Formulário de relato do plantão psicológico

O Quadro 3 apresenta as demandas trazidas pelos alunos nas sessões de aconselhamento no Plantão Psicológico, sendo a frequência assim distribuída: Insegurança emocional com 15 alunos representando 25,4%; seguida por relações afetivas com 9 alunos, representando 15,2% e na terceira posição relações familiares disfuncionais com 8 alunos, o que representa 13,6%. e chama atenção as crises de ansiedade em 7 alunos, o que representa 11,89%.

Quadro 4: participantes por gênero, em percentual

Gênero	Número	%
Feminino	30	50,85
Masculino	24	40,68
Bigênero	2	3,39
Pessoas transgênero	3	5,08
Total	59	100

Fonte: Formulário de relato do plantão psicológico

O Quadro 4 apresenta que entre os alunos a procurarem o plantão psicológico na escola, no que tange ao gênero, infere-se a partir dos dados apresentados ser majoritariamente feminino com 30



alunas (50,85%), masculino 24 alunos (40,68%). Percebe-se que, nessa escola, a diferença entre esses dois gêneros não é muito ampla.

Quadro 5: participantes por raça, em percentual

Raça	Número	%
Branca	24	40,68
Parda	33	55,93
Negra	02	3,39
Total	59	100

Fonte: Formulário de relato do plantão psicológico

O Quadro 5 apresenta participantes por raça. Observa-se que a raça parda é mais prevalente com 33 alunos se autodeclarando pardos, o que representa 55,93%; a raça branca aparece em segundo lugar com 24 alunos auto identificados enquanto tal, correspondendo a 40,68%; e, finalmente, alunos auto identificados como negros foram 2, o que corresponde a 3,39%.

Viés qualitativo

A partir deste momento, é apresentado o viés qualitativo do estudo, ou seja, apresentamos o discurso de alguns discentes e o olhar da fenomenologia-existencial a partir da Perspectiva dos Três Olhares na Clínica de inspiração fenomenológica. Considerando a proposta de Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019), essas falas foram expressas no instante em que os adolescentes foram acompanhados durante o plantão psicológico e isso significa dizer que foram falas potentes, impregnadas de sentido e dinamizadoras da atenção do estagiário que, imediatamente após o aconselhamento, as escreveu de modo a caracterizar a dimensão do que lhe fora trazido por esse aluno. Podemos estar, dessa forma, considerando estes excertos de fala



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

como as Unidades de Significado propostas pelos autores anteriormente referenciados.

A partir da transcrição dessas falas, estabelecemos a imbricação das mesmas com a teoria que fundamentará esta análise.

Um dos elementos presentes na fala dos adolescentes diz respeito à **insegurança emocional** fator, aliás que surge nos discursos de alunos de 12 aos 18 anos e originado por uma série de fatores, como os excertos de discursos trazem.

Meu pai foi preso injustamente e quando foi inocentado, ao retornar pra casa já não era mais ele. Ficou violento, batia na minha mãe, na minha frente [...] e isso me deixou assim, insegura. **(M.S.S, 12 anos, aconselhamento realizado em maio de 2022).**

Não me sinto seguro em conversar com as pessoas. Eu pronuncio muitas palavras erradas e tem outras que tenho dificuldades. Tenho dificuldade em português e matemática e quando vou apresentar um trabalho fico com medo, não me sinto bem **(K.S.A, 12 anos, aconselhamento realizado em maio, 2022)**

Todos à minha volta me julgam e me sinto inseguro. A sala de aula é difícil, não gosto de barulho, não gosto que as pessoas me olhem nos olhos, me sinto excluído e tenho alguns sentimentos estranhos, todo dia me sinto diferente, não sei bem explicar **(G.L.H.M. 14 anos, aconselhamento realizado em agosto, 2022).**

Sempre tenho dificuldade em expor o que eu sinto em minhas relações. Acredito que tudo isso é porque tenho medo de falar o que penso porque as pessoas julgam muito. Aí me calo. Sou muito inseguro nesse sentido **(D.L.18 anos, aconselhamento realizado em junho, 2022)**

O *ser-no-mundo*, cada um de nós, ser humano, é lançado em situações que nos surgem como verdadeiro divisor de águas, tendo em



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

vista que, ao surgirem nos fazem sair do porto seguro que até aquele momento estávamos usufruindo. Desse modo, trazemos para nós alguns pontos que passamos a considerar como verdades absolutas e a partir das quais passamos a vivenciar o nosso cotidiano, independentemente de onde esse cotidiano se efetiva.

Cada um desses adolescentes traz facticidades que os tornaram inseguros, seja a experiência da violência doméstica presenciada, dificuldades em disciplinas, expor-se em suas relações, a dinâmica da sala de aula. Todos afirmam, sou inseguro! O que isso está querendo traduzir?

Parece-nos, de acordo com a perspectiva aqui adotada para análise, que as mais variadas situações propiciaram uma determinada “leitura” sobre o entorno e sobre si mesmos. E nisto, o olhar que voltam para si mesmos se torna distorcido, pleno em julgamentos, principalmente, colocam-se no locus da incapacidade, como demonstram os excertos de discursos (Castro, 2020, 2021).

Aprofundando ainda mais no que tange à teoria, compreende-se o que Castro (2020, 2021) pressupõe como “en-contro”, um movimento de intrusão em si mesmo a partir da constituição de uma verdade absoluta no que diz respeito às suas capacidades. Um en-contro com as mais variadas situações que os lança na insegurança em ser quem eles próprios são. O ser-si-mesmo transforma-se a partir do não-pertencer mais a si mesmos, passam a pertencer à insegurança ou às situações que provocam semelhante atitude.

A **sexualidade** é outro ponto que levou alguns alunos a procurar o plantão psicológico. Neste momento, percebe-se o quanto o olhar do outro é importante, até para a convivência.

Não me sinto feliz, o motivo é não ser aceito pelo que sou, como quem sou, me considero menino e menina e sou visto pelos



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

colegas como uma “aberração” (**K.S.A, 12 anos, aconselhamento realizado em maio, 2022**).

Sinto um vazio enorme no meu peito e sempre choro antes de dormir e depois que eu choro me sinto melhor. Acho que um dia meus pais vão descobrir que sou Lucas, tenho medo por isso. Me sinto depressivo e muito triste, sempre que acordo tenho que viver tudo de novo, é como se colocassem um arame farpado no meu pescoço e apertassem até faltar o ar. (**Y.P.C. 14 anos, aconselhamento realizado em agosto de 2022**).

A perspectiva clínica compreende com Merleau-Ponty (2011) quando este autor estabelece o corpo como sendo o elemento fundamental a ser refletido em toda a nossa trajetória. É no corpo que sinto e percebo. Não há uma mente separada de um corpo. Há uma totalidade, há um todo que realiza o ser-no-mundo que somos cada um de nós. E é a esse corpo, a essa vivência do corpo denominada corporeidade que precisamos adentrar quando o tema é a sexualidade, nosso co-pertencimento ao mundo inter-humano, sendo o corpo a sede de toda essa imersão no mundo. Considerando este aspecto, a perspectiva em epígrafe considera o corpo em sua síntese corporal, ou seja, vivenciamos em nosso corpo toda a dimensão do que estamos experienciando, nos realizamos como corpo, nos sincronizamos às situações, somos fonte do existir, somos potência pois as coisas se ordenam para mim, nos comunicando com esse outro corpo com quem convivo.

Nos excertos de discurso há uma insatisfação, inquietação quanto ao ser quem realmente é. A orientação sexual dos dois participantes é colocada em cheque, tendo em vista que, o sexo biológico não corresponde ao como verdadeiramente se sentem. Precisam esconder quem são e como são. E isso gera sofrimento,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

principalmente porque **o olhar do outro** é juízo de valor, é preconceito, é discriminação (Castro, 2021).

Uma das vivências que as alunas, maioria dos casos trouxe, diz respeito à experiência do **Abuso sexual**. O corpo infantil foi violado, violentado de modo atroz e, essas lembranças, apresentam a dor, o sofrimento e a angústia presentes desde aquele momento.

Pedi pra ele [o tio] parar, mas ele [o tio] continuou até tirar a minha roupa, colocou as minhas pernas pra cima e tentou colocar dentro de mim, disse que estava doendo e, mesmo assim, ele não parou [choro] até que ele [o tio] conseguiu [choro] doeu muito, chorei e ele [o tio] ejaculou na minha barriga, senti nojo e quis vomitar ele [o tio] pegou uma toalha pra me limpar e depois ele [o tio] disse que esse ia ser o nosso segredo [...] eu fui pro banheiro, chorar e vomitar, tomei banho me sentia muito suja [...] depois disso, fiquei na sala assistindo TV e orando para a minha tia e a minha prima chegarem e dar a hora de ir embora para a minha casa (**M.S.R.F. 14 anos, aconselhamento realizado em agosto, 2022**).

Um dos fatores que tem um crescimento vertiginoso nos dias atuais, esse tipo de ação representa, a nosso ver, um dos aspectos mais hediondos que pode ser desferido contra uma pessoa que, a partir daí, tem sua caminhada marcada pelo ato que lhe foi impetrado. Meu corpo foi violado da pior forma possível. Não merecia semelhante situação. Não é justo o que foi feito comigo. Ele deveria cuidar de mim, fez o contrário.

Na perspectiva dos três olhares, um dos elementos fundamentais do existir é sua processualidade, sua dinamicidade, seu movimento. Entretanto, situações há em que este mover é brechado, é impedido de dar continuidade e, conseqüentemente, a existência passa pelo que nominamos “descompasso horizontal”. O que seria isso? Em



virtude à culpabilização que lhe é lançada, o existir se constitui em abertura e fechamento contínuos e, maioria das vezes mais fechamento para si mesmo, para o outro, para a vida, e esse efeito abri-fechar é potencializado pela contínua lembrança do ocorrido e a culpa que se faz presente de modo efetivo.

Relações familiares

Minha mãe vivia muito machucada, com os olhos roxos. Relata também que a mãe reproduzia as agressões que sofria pelo marido nela e que muitas vezes a deixava sem comer o dia todo e de joelhos no milho quente como castigo **(S.V.S. 13 anos, aconselhamento realizado em setembro, 2022)**

Anda cansada e precisando contar uma verdade. Há pouco tempo descobriu através do celular da mãe, que ela estava traindo o seu pai. O pai está doente e a mãe vive a tratando mal. Perguntei como era o tratamento dessa mãe. A mãe fala que ela é uma filha doente e triste - essa forma de a tratá-la a irrita e a incomoda **(M.S.F. 16 anos, aconselhamento realizado em setembro, 2022)**.

Relações afetivas

Ainda gosto dela e é difícil esse convívio, às vezes em casa fico pensando em coisas erradas o dia todo [...] você sabe [...] tirar minha vida **(G.L.S. 15 anos, aconselhamento realizado em setembro, 2022)**.

Terminei um relacionamento recentemente. Me sinto mal pois gostava e confiava muito nele. Contava pra ele tudo a respeito da minha vida, mas separamos. Fiquei sabendo algumas coisas dele por terceiros e decidi terminar. Eu sempre peço confiança, mas o



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

errado foi ele. Fiquei e estou triste. (**G.S.C. 17 anos, aconselhamento realizado em maio, 2022**).

Relações. O ser-no-mundo é um ser de e em relação, e isso significa que precisamos considerar as dimensões presentes nas configurações relacionais que se mostram plenas em situações causadoras de dor e sofrimento, como observamos nos excertos de discursos.

É perceptível o quanto as configurações relacionais são de movimento ímpar. Movimentos que são caracterizados por uma série de vivências, inicialmente, a relação entre os membros da família envolve violência, traição, gerando um **olhar sobre o outro** em que o relacionamento é experienciado sob o viés da injúria, da desvalia, do cerceamento de ser quem se é, conseqüentemente da liberdade inerente ao ser humano.

O olhar se volta para si mesmo

Me senti bem melhor depois que vim aqui com você, pensei muito e não vale a pena tirar minha vida por um término de namoro. Estou me dedicando mais aos estudos pois estou com notas baixas e ao futsal também (**G.L.S. 15 anos, aconselhamento realizado em setembro, 2022**).

Quando vim pela primeira vez, estava meio desesperada, namorava e tinha dificuldade em fazer amizade. Depois pensei no que foi dito aqui e estou conseguindo me relacionar melhor. Estou focada nos estudos! (**P.M.S. 14 anos, aconselhamento realizado em agosto, 2022**).

O Plantão e sua perspectiva de possibilitar que **o olhar se volte para si mesmo**. A compreensão do existir passa por transformações. Deixo de ser o problema para perceber que sou eu mesmo que preciso



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

delinear meu caminhar. Minha historicidade é plena em possibilidades. Consigo ir além de mim e da problemática inerente às situações que vivencio e, dessa forma, me compreendo enquanto devir, enquanto *poder-ser* (Castro, 2020, 2021).

Considerações finais

A possibilidade de acompanhar adolescentes em sua trajetória escolar é de extrema importância, tendo em vista que, nos disponibilizarmos ao aconselhamento psicológico na escola de ensino público, conhecemos e reconhecemos as várias dimensões presentes no adolecer.

O Plantão Psicológico é atividade *sui generis* pois, nos permite mergulhar na relação com o Outro e, principalmente, redimensionar nosso olhar sobre o fazer do psicólogo. Sabe-se que não se constitui em movimento psicoterápico, mas o de produzir nesse adolescente nova chance de olhar-se a si mesmo para além das situações que o trouxeram até ali, ou seja, é facultado, a partir desse encontro que ali se efetiva, a compreensão de que nele residem as estratégias de enfrentamento e conseqüentemente, a responsabilidade por seu caminhar.

A historicidade é plena em sentidos. Em cada excerto de discurso, sentidos e significados nos foram trazidos e, conjuntamente com esse Outro, passamos a mergulhar existencialmente no que até nos estava sendo trazido. Não nos competia julgar ou lançar quaisquer olhares nessa perspectiva. Pelo contrário, coube a cada um fazer-se presente, colocar-se na posição de estar presentificado, continente.

Fato importante a ser destacado é o quanto a escuta realizada no Plantão Psicológico tem propiciado bem estar aos alunos. As falas nos trouxeram o que a teoria pressupõe: o olhar sobre si mesmos,



transforma, novos sentidos são viabilizados, novas perspectivas e possibilidades tornam-se presentes. E o olhar da Fenomenologia nos chama ao caminhar junto a cada adolescente.

Referências

- Bezerra, Edson do Nascimento. (2014). Plantão psicológico como modalidade de atendimento em Psicologia Escolar: limites e possibilidades. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(1), 129-143.
- Brito, Lília S. & Dantas, Jurema B. (2016) *Extensão em Ação*, Fortaleza, v.1, n.10, Jan, p.90-99
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020) A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: desvelando olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) (2020) *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica*. – Editora Appris, p. 157-176.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* – Editora Dialética, p. 309-330
- Creswell, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto trad.* Luciana Rocha – Artmed, 2007
- Farinha, Marciana Gonçalves & Souza, Tatiana Machiavelli Carmo (2016). Plantão psicológico na delegacia da mulher. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 65-79.
- Giorgi, Amedeo & Souza, Daniel (2010) *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Fim do Século.
- Heidegger, Martin (2013). *Ser e Tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Editora da Unicamp.
- Laverty, Susann M. (2003). Hermeneutic phenomenology and phenomenology: A comparison of historical and methodological considerations. *International Journal of Qualitative Methods*, 2.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Article 3. Retrieved April 30, 2006, from http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/2_3final/pdf/laverty.pdf

Levant, Ronald F. (2005, July). *American Psychological Association statement on evidence-based practice in psychology*. Retrieved May 26, 2006, from <http://www.apa.org/practice/ebpstatement.pdf>

Mahfoud, Miguel (Org.) **Plantão psicológico**: novos horizontes. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012.

Merleau-Ponty, Maurice. (2011) *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura – 2ª ed. – Editora Martins Fontes.

Pereira, Denis Guimarães & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) *Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa*. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* – Appris, p.15-32.

Scorsolini-Comin, Fábio (2014). *Plantão psicológico centrado na pessoa: intervenção etnopsicológica em terreiro de Umbanda*. *Trends in Psychology* Temas em Psicologia, Vol. 22, nº 4, 885-899 DOI: 10.9788/TP2014.4-16

Schmidt, Maria Luisa Sandoval (2015). *Aconselhamento psicológico como área de fronteira*. *Psicologia USP*. V. 26, n. 3, 407-413

Vendramel, Mayra Caroline; Pocaia, Patrícia de Oliveira Ferreira; Santos, Laíze da Silva. (2017) *A importância do plantão psicológico no ambiente escolar*. *Psicologia.pt*. Portugal, p. 1-5, janeiro.

Villela e Souza, Laura (2018) *Aconselhamento psicológico como construção social*. *Psicologia: Ciência e Profissão* Abr/Jun. v. 38 nº2, 262-274. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003762017>

Recebido em 10.12.2022 Aceito em: 14.12.2022 Publicação: 01-01-2023



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Autores

Vanessa Benites Mena

Graduanda em Psicologia na Escola Superior Batista do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). E-mail: menaa.vanessa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9017-9259>

San Zureik Calacina da Silva

Graduando em Psicologia na Escola Superior Batista do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de

Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). E-mail: sanzureik01@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5659-8422>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid:<https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>